

RESENHAS

MATTIL, Edward L.

El valor educativo de las manualidades

Buenos Aires, Editorial Kapeluz, Tercera Edición, 1973.

El autor Edward L. Mattil es un reconocido especialista en la materia de Didáctica y Fundamentos Pedagógicos de las Manualidades, además es director del departamento de Artes de la Universidad del Estado de Texas del Norte, Estados Unidos, éste une a sus condiciones didácticas y técnicas un amplio conocimiento de las Artes y Artesanías primitivas y modernas.

Mattil a través de la presente obra, transmite al lector los medios necesarios para estimular y entusiasmar a los pequeños, exponiendo procedimientos que permiten abrir las ventanas sensoriales de los niños y satisfacer su asombro ante sus trabajos u obras creadas, como así también para valorar y emplear en creaciones artesanales sencillos elementos que el medio pueda ofrecerle, tales como: arcilla, barro, arena, piedrecitas, semillas, botones, vidrios, arpilleras, trozos y desechos de lana, algodones, madera, papel, otros.

Con todo ello surgirá el fantástico mundo del modelado, la escultura, la pintura, el grabado, creación de muñecas y títeres, las máscaras, los tejidos en telares sencillos, los juguetes y tantos otros, teniendo como resultado un producto original.

Es importante conocer esta obra no sólo por quienes tienen que trabajar con los niños en la Educación Básica o Media como así también los padres o quienes tengan una relación con los niños.

A través de la obra se podrán encontrar diferentes actividades con aplicaciones que se convierten en maravillosos elementos para lograr el desarrollo y la maduración del sentido y habilidad creativa de los niños, ya sea en la sala de clase, en los campamentos o en las instituciones que acogen a los niños para ocupar su tiempo libre en forma recreativa.

Es importante dar la oportunidad a los niños que trabajen con elementos naturales, proporcionándoles el o los medios para que desarrollen su instinto creador en forma libre, que al sentirse estimulados por las actividades manuales salgan de su caparazón y sientan que los adultos demuestran un gran interés en ellos guiándolos, sugiriéndoles, estimulándoles y no convirtiéndoles el ambiente en amenazador, construyéndolo mediante una política preventiva como es evitar que no ensucien la ropa, no salpiquen con pintura, no se corten los dedos y un no, no, no, no.

Pedro Antonio Cuevas Sandoval

Programa de Maestría en Filosofía de La Educación
Villarrica, Enero de 1987

FREIRE, Paulo

A importância do Ato de Ler: em três artigos que se completam
9ª ed., SP, Editora Cortez, 1985, 96 páginas.

A principal preocupação de Paulo Freire, neste texto, é ressaltar a importância do ato de ler. Para ele, deve-se trabalhar com a temática da leitura,

discutindo sua importância, explicitando a compreensão crítica da alfabetização e do papel de uma biblioteca popular. Relata suas experiências de alfabetização e de educação política.

A experiência de alfabetização de adultos foi desenvolvida pelo autor e sua equipe em São Tomé e Príncipe.

Paulo Freire considera que a atividade de estudo deve ser acima de tudo crítica, para que assim o leitor possa compreender não somente os textos que lê, mas também a realidade em que vive.

Todos os textos que foram abordados pelo autor implicam numa penetração crítica em seu conteúdo básico, numa sensibilidade aguda, e nos desafia a pensar, a analisar e a refletir sobre a realidade.

No seu estilo acessível e dialogante, Paulo Freire nos envolve numa relação diferente, inserindo-nos em um verdadeiro "círculo de cultura", onde nos sentimos participando enquanto sujeitos de uma experiência real.

Lumena Ap. Gadia

Curso de Metodologia do Trabalho Científico
Pós-Graduação em Direito — PUCCAMP

RIBEIRO JR., João

O que é nazismo

São Paulo, Brasiliense, 1986

João Ribeiro Jr. tem uma formação humanista complexa: fez Direito, História, Estudos Sociais, e depois, o mestrado e o doutorado em Filosofia. Dos seus trabalhos publicados, destacamos os relativos ao positivismo: um, **O que é o positivismo**, publicado pela Brasiliense; e seu excelente **Alberto Salles: Trajetória Intelectual e Pensamento Político**, editado pela Convívio.

No presente estudo sobre o nazismo, João Ribeiro oferece-nos um panorama histórico, ideológico, filosófico, econômico e político desse movimento.

O estudo começa com uma abordagem comparativa entre o nazismo e o fascismo, apontando semelhanças e diferenças. Prossegue, fazendo uma longa apresentação das origens históricas do nazismo, que corresponde a, aproximadamente, um terço do livro. A gênese do movimento e a ascensão de Hitler ao poder são mostradas de forma clara e bem estruturada, tentando responder à questão: como foi possível o nazismo?

No capítulo seguinte, o autor mostra os fundamentos ideológicos, éticos, econômicos e políticos nazistas. As idéias de raça e nação, a ética coletivista que sacrifica o individual ao nacional e afirma o bem do Estado, buscando a confiança e fidelidade dos cidadãos, são alguns dos temas que aparecem.

A seguir, Ribeiro Jr. estuda os pilares do poder, isto é, as características do chefe, da mística e da propaganda política utilizada pelo movimento. E fecha o livro estudando o lado oculto do nazismo: o caráter mágico e mítico da figura de Hitler e as possíveis vinculações do chefe alemão com um esoterismo espúrio e com sociedades secretas.

As teorias "científicas" que apoiavam a cosmovisão nazista são mencionadas brevemente, mas aqui e ali o autor mostra a extensão do ridículo a que o Partido se expôs: "Em 1934, o Partido Nazista divulgou uma brochura, onde

explicava que a Teoria da Relatividade, de Einstein, era invenção judia (...)” (pp. 83-84).

Alguns equívocos, como apresentar de forma simplista as filosofias de Nietzsche e Spengler como fonte **direta** do nazismo, não diminuem o interesse do livro. Afinal, até Luckács fez essa leitura das relações entre Nietzsche, Spengler e o hitlerismo... Colocar Wagner, Nietzsche e Spengler no mesmo nível que os obscuros Gobineau e Chamberlain é, no mínimo, um erro de ótica. Certamente, ao menos Nietzsche merece outra leitura.

O texto é fluente, interessante, muito bem escrito. E adequado aos tempos que correm. Numa época em que da extrema esquerda à extrema direita **todos** os políticos invocam a **democracia** como um valor, é preciso repensar o conteúdo das palavras, desgastadas pelos sentidos múltiplos que vem assumindo.

Ler sobre o nazismo e seus métodos de ascensão ao poder é iluminador, principalmente se pensarmos que o objetivo de Hitler era, declaradamente, beneficiar o povo alemão. Como exercício de distanciamento crítico, em relação ao nosso próprio tempo, o livro de Ribeiro Jr. é oportuno. E assustadoramente atual. Como a bibliografia que o autor utiliza, que vai da edição, em 62, no Brasil, do livro **Minha Luta**, de Adolf Hitler, e se desenrola ao longo das décadas de 70 e 80, assinalando os principais textos publicados em português sobre o assunto.

Constança Marcondes Cesar
Instituto de Filosofia – PUCAMP

KUJAWSKI, Gilberto de Melo
Filosofia — a razão a serviço da vida
São Paulo, Editora Nacional, 1985

Gilberto Kujawski, conhecido autor de obras filosóficas (**Fernando Pessoa, o outro; Descartes Existencial, Discurso sobre a violência**, entre outras), oferece-nos uma pequena introdução à filosofia, em linguagem acessível, inspirada na perspectiva do existencialismo espanhol, em Ortega e Julián Marías.

No livro, o autor discute o sentido e a importância da filosofia para a vida humana; trata da razão vital, do problema do ser, das relações entre filosofia e ciência; encerra o volume afirmando a importância da filosofia hoje, no Brasil e no mundo.

Propõe uma bibliografia básica de filosofia, a partir dos textos traduzidos em português, de Ortega, Marías, Jaspers, Husserl, Heidegger, GUSDORF, e das introduções à filosofia escritas por pensadores brasileiros: Borheim, Bussi. Indica, também, os elementos de uma pequena biblioteca filosófica, através da qual os iniciantes poderão ter um contato com obras decisivas, ao longo da história da filosofia. Recomenda, pois, a leitura dos fragmentos dos pré-socráticos; de **A República, O Banquete e Fédon**, de Platão; da **Metafísica** e da **Ética a Nicômaco**, de Aristóteles; das **Enéadas** de Plotino; e assim sucessivamente, até os contemporâneos.

Leitura agradável, pondo a **razão a serviço da vida**, é uma boa introdução à filosofia, que pode ser lida nos colégios ou cursos básicos das Universidades.

Constança Marcondes Cesar
Instituto de Filosofia – PUCAMP

KJUNDERA, Milan

A insustentável leveza do ser

Trad. de Tereza B. Carvalho da Fonseca

Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1985

Trata-se de um romance de amor com reflexões filosóficas.

Livro atual (cuja primeira edição se deu em 1983), de leitura muito agradável, pela variedade de temas abordados de maneira muito flexível. Temas estes que vão, desde religião, música, literatura, pintura, até política, filosofia, etc.

O autor enfoca temas de relacionamento humano, tais como fidelidade, traição, liberdade, política, repressão, insegurança, e temas filosóficos profundos sobre o dia a dia de nossas vidas.

Como tema filosófico central cita o mito do eterno retorno de Nietzsche: se cada segundo de nossa vida deve se repetir um número infinito de vezes, estamos pregados na eternidade. E cada gesto, carrega o peso da insustentável leveza do ser.

Em dado momento, o próprio autor, faz uma maravilhosa reflexão sobre seus personagens e o fundamento de sua obra: "Os personagens de meu romance são minhas próprias possibilidades que não foram realizadas. É o que me faz amá-los todos e temê-los ao mesmo tempo. Uns e outros atravessaram a fronteira que apenas me limitei a contornar. O que me atrai é essa fronteira que eles ultrapassaram (fronteira para além da qual termina o meu eu). Do outro lado começa o mistério que meu romance interroga. O romance não é uma confissão do autor, mas uma exploração do que é a vida humana, na armadilha em que se transformou o mundo" (p. 222).

Lenise Barbosa

**Curso de Especialização em Direito
Processual Civil da PUCAMP**

AHMAD, Khurshid.

Para compreender o Islamismo.

The Islamic Foundation. Inglaterra, 1977, 1ª edição

Para compreender o Islamismo é uma obra voltada à leitura do mundo ocidental que, segundo o autor, ainda guarda uma imagem confusa e por muitas e inúmeras vezes deturpada acerca desta religião. O livro foi transcrito para a língua portuguesa pela Comunidade Islâmica de Lisboa, e seu texto procura descrever o modo de vida Islão, baseado num conceito bem definido de realidade. Logo no primeiro capítulo existe menção ao "Tawhid" (unidade de Deus), princípio básico através do qual o Islão se aproxima da vida.

O Islamismo, ao contrário de outras religiões de nosso mundo, não emprestou o nome de seu "fundador" para ter significado próprio. Cita-se como exemplo o Cristianismo — Jesus Cristo —, Budismo — Glautama Buda — e Zoroastrismo — Zoroastro. A palavra Islamismo não transporta em si qualquer relação; é uma religião universal — na época da elaboração da obra estimava-se em setecentos milhões o número de seus seguidores — e seu objetivo é criar e cultivar no homem a "qualidade e comportamento do Islamismo".

Islamismo é uma palavra árabe e implica "submissão, entrega e obediência voluntária a Deus". Ressalte-se que "Allah" aparece constantemente a opinião pública mundial como o "Deus dos muçulmanos". É preciso não esquecer

que não existe um Deus específico para os muçulmanos que adoram o mesmo Deus, venerado pelos praticantes das religiões monoteístas. Allah é uma palavra árabe — língua litúrgica do Islão — que significa Deus. Crer que Deus dos árabes é Allah é o mesmo que acreditar ingenuamente que GOD é o Deus dos Ingleses.

Proseguindo, no mesmo capítulo, temos que Islamismo tem outro significado literal: paz. Disso conclui-se que só se pode encontrar a paz física e mental através da submissão e obediência voluntária à Deus. Uma tal vida de obediência, segundo a obra, traz ao coração a paz, estabelecendo desta forma a verdadeira paz para a sociedade em geral. Então, tudo no universo é “muçulmano”, lato sensu, pois que obedece a Deus e submete-se as Suas leis. Mesmo um homem que recusa acreditar ou adora alguém que não seja Deus é forçado a ser muçulmano, no que diz respeito à existência de seu corpo. Por toda a sua vida, desde o estado embrionário até a dissolução do corpo em pó, após a morte e de todos os tecidos dos seus músculos e todos os membros de seu corpo, seguem o caminho para eles prescrito pela lei de Deus.

Outro tópico nesta linha refere-se ao “Kafir” (aquele que encontre), que renega a Deus. Ele oculta, pela sua descrença, o que é inerente “na sua natureza e embalsama a sua própria alma”.

No segundo capítulo, passa-se ao estudo mais detalhado no aspecto comportamental da religião, posto que é tratada e conhecida a fé islâmica. Esta é definida como “uma crença firme que surge do conhecimento e da convicção”. Isto conduz ao fato de que sem fé (Iman) nenhum homem pode tornar-se um verdadeiro muçulmano. É o essencial e o indispensável.

O capítulo terceiro é inteiramente dedicado à Profecia de Muhammad, denominada Profecia Universal. O muçulmano deve ter a capacidade para disseminar estes ensinamentos. Foi Muhammad, “entre outros e tantos benefícios” ao mundo que irradiou completamente a idolatria, a adoração humana e o politeísmo em todas as formas e criou uma fé tão firme na unidade de Deus que, mesmo aquelas religiões que se assentavam inteiramente em superstições e idolatria, foram compelidas a adotar uma prática monoteísta. O ensinamento fundamental e mais importante para do Profeta Muhammad é a fé na unidade de Deus. Isto é expresso na primeira “Kalima”: “não há outra divindade senão Deus...”. Esta frase é o pilar do Islamismo, a sua fundação e sua essência.

Vistos os “artigos da fé” no capítulo quarto, trata o seguinte dos mandamentos do Islamismo, instituídos por Muhammad: 1) crença num Deus que não compartilha com ninguém a Sua divindade; 2) crença nos “Anjos de Deus”; 3) crença nos Livros de Deus e no Alcorão sagrado como Seu último Livro; 4) crença nos Profetas de Deus e em Muhammad como Seu último mensageiro; 5) crença na existência da vida eterna. Estes cinco artigos constituem o pilar do Islamismo.

As “orações” são mencionadas em apenso especial neste capítulo, com destaque: um exemplo seria o SALAT. São orações diárias prescritas, as quais consistem em repetir e reforçar cinco vezes por dia a crença sobre a qual repousa a “vossa fé”. As orações para os muçulmanos também possuem sinônimo de igualdade, “porque o pobre e o rico, o regente e o regido, o educado e o analfabeto, o preto e o branco, todos permanecem numa fileira e se prostam perante o seu Senhor”.

A terceira obrigação do muçulmano é o Zacá, a esmola. Todos os muçulmanos cujas condições financeiras estão acima de um mínimo especificado devem pagar anualmente 2,5% do seu lucro a um companheiro merecedor, a um novo convertido ao Islamismo, a um viajante ou a alguém que está envolvido em débitos. Isto é o mínimo. Quanto mais pagarem, mais serão recompensados pela outorga de Deus.

Citam-se no penúltimo capítulo outras obrigações dos muçulmanos: o Jejum de Radamés, que deve ser observado durante um mês; a peregrinação à Meca, e só é obrigatório àqueles que têm meios para fazê-lo e ao menos uma vez na vida. Lá eles conhecem a casa que o Profeta Abraão fez para adorar Deus.

Finalmente no sétimo e último capítulo, trata a obra dos princípios da Xaria, que refere-se a um determinado código de conduta "canonês peculiares contendo os meios e os modos para a adoração".

Classificam-se em quatro os direitos e obrigações do homem, segundo a Xaria: 1) os direitos de Deus, os quais todo o homem é obrigado à cumprir; 2) os seus próprios direitos sobre si próprio; 3) os direitos de outras pessoas sobre eles; 4) os direitos daqueles poderes e recursos que Deus colocou a serviço do homem e a quem deu autorização para usar em seu benefício. Na Xaria está a trilha comportamental do Islamismo.

Roberto Lucato

Especialização em Direito Processual
Civil – PUCAMP